

Páginas antigas... e de hoje

Causas e remédios do despovoamento de Portugal

por SEVERIM DE FARIA (século xvii)

Duas causas do despovoamento de Portugal

A segunda causa (1) porque falta a gente dêste reino é por não terem officios com que ganhem de comer por sua indústria, que é o meio que Deus deu para a sustentação de cada um; e como os homens não teem de que se sustentem, não se querem casar, e muitos com esta occasião se fazem vadios, andando pedindo esmola pelas cidades e vilas homens e mulheres em tão grande número, que parecem exércitos; e a desculpa que dão para pedirem é dizerem que não acham em que trabalhar. Outros se passam a reinos estranhos, principalmente para os de Castela, pela facilidade da vizinhança, onde antes da Aclamação havia tantos Portugueses que muitas pessoas afirmavam que a quarta parte dos moradores de Sevilha eram nascidos em Portugal, e que em muitas ruas daquela cidade se falava a nossa língua e não a castelhana. Quási o mesmo se podia dizer de Madrid; e por toda Castela a Velha e Estremadura é notório que os mais dos mecânicos eram naturais dêste reino, os quais, por não terem cá em que trabalhar, iam lá ganhar sua vida.

A terceira causa porque falta a gente popular é por não terem nêste reino terras que cultivem e de que possam tirar sua sustentação: porque a província de Entre-Douro-e-Minho, e as mais até o Tejo, estão bastantemente povoadas, e não há nelas lugar, para se fundarem novos povos, que possa cultivar a gente que cresce; e Alentejo, que pudera socorrer a esta falta (por-

que é quási tão espaçoso como o resto do reino) como está todo dividido em herdades, e as mais delas muito grandes, nem se povôa, nem se cultiva. Porque, sendo as herdades de muitas folhas, ficam de ordinário as três partes delas por semear, faltando por esta causa os muitos frutos que se delas puderam colher e a comodidade que puderam dar a tantos homens que não acham lugar onde poder fazer um recolhimento em que se metam; e porisso se embarca tanta gente para fóra da barra, obrigando-os a necessidade a ir buscar terras em que vivam a outras partes do mundo, pois lhe faltam em sua própria pátria.

Como se remediará a segunda causa da falta de gente, com a introdução de algumas artes mecânicas

O remédio para a segunda causa porque falta a gente nêste reino será exercitarem-se nêle as artes mecânicas de que carece. Afirmam os políticos que não há cousa que importe mais para fazer uma província numerosa de habitantes e rica de todos os bens, que a multidão das artes, das quais umas são necessárias, outras cômodas, à vida civil, porque delas se segue o grande concurso de gente que, ou trabalha, ou meneia o trabalho, ou administra a matéria aos trabalhadores, compra, vende e leva as obras de um lugar a outro. De maneira que importa muito mais a indústria do homem para fazer um lugar populoso, que não a fertilidade do terreno, porque as cousas produzidas da indústria humana são muitas mais, e de muito maior preço, que as cousas geradas pela natureza.

O exemplo que disto trazem os políticos é a lã, a qual é fruto simples e grosseiro da natureza: mas a arte — e quão excelentes panos,

(1) A primeira causa, anteriormente apontada por Severim de Faria, era o sorvedouro da Índia; omitimo-la porque já não tem hoje actualidade.

quão vários e de quanta diversidade fábrica desta matéria, sustentando-se dela não só o que a cria, mas os que a cardam, fiam, urdem, tecem, tingem, coram, cozem e a formam em mil matérias, e a levam de um lugar a outro?

O mesmo se diz da seda, que é fruto simples: e contudo, ¿quanta variedade forma dela a arte? Bem se vê em Florença, Génova e Veneza, onde com a arte da seda e da lã se mantem quasi dois terços dos habitantes. O mesmo acontece em toda a outra matéria.

Itália é provincia na qual não há mineral de ouro ou prata, como também o não há em França; e contudo, uma e outra é abundantíssima de dinheiro e de tesouros, pela indústria das artes e mercancia. Flandres também não tem veias destes metais, e, por sua muita indústria, não há provincia em Europa mais habitada, nem onde haja tantas cidades e tão grandes e tão frequentadas de estrangeiros, e tão florescentes em riquezas. Portanto, o príncipe que quizer fazer populoso o seu reino deve introduzir nele toda a sorte de indústria e de officios, o que fará com trazer officiais excellentes de outras provincias, e dar-lhes salários e comodidades convenientes, e com favorecer os bons engenhos, e estimar as invenções e as obras que participam do singular e do raro, e com sinalar prémios à perfeição e excelência.

Mas sobretudo é necessário que não permita que se levem para fora dos seus Estados os materiais crus, como são as lãs, seda, madeira, metais nem outras semelhantes cousas, porque com os materiais vão também os officiais que os lavram. E, além de viver muita gente do trato da matéria simples como apontamos, as rendas do príncipe são com excesso maiores pelas sacas das *obras* que dos *materiais*: mais tira dos veludos, damascos e semelhantes teias que da simples seda, mais dos panos que da lã tosca, mais das teias de linho que do linho, mais da cordoalha que do cânhamo; o que vendo os reis de França e Inglaterra proibiram levar a lã para fóra de seus Estados. O mesmo fez também depois el-rei católico, ainda que estas ordens não se observaram com o efeito que convinha.

Neste reino também houve esta proibição; mas estava tão esquecido o cuidado do bem público pela falta dos príncipes naturais (1), que toda a lã se levava para fóra, de maneira que no

ano de 1645 só em Evora em poucos dias se compraram com dinheiro de mercadores estrangeiros 9.000 arrobas. Pelo que Sua Majestade, que Deus guarde, mandou de novo proibir estas compras; porém não basta somente esta proibição, mas o que importa, e o para que trazemos estes exemplos, é que se introduzam no reino estas mecânicas e teares, fazendo que destas nossas lãs se teçam no reino os mesmos panos que os estrangeiros tecem delas nos seus e nos trazem depois a vender. Porque disto se nos seguirão duas grandes utilidades: a primeira, que ficará no reino todo o dinheiro que houvera de ir para fóra por razão deste panos; a segunda, que não dependerá da vontade dos estrangeiros trazerem-nos esta mercadoria de que totalmente necessitamos, e pôr-lhe os preços à sua vontade, tendo-a nós em nossa casa.

Isto se pôde ordenar fazendo que se lavrem neste reino as baetas que vem de Inglaterra, pois são tecidas com as nossas mesmas lãs. Agora no princípio se poderá fazer conduzindo com prémios alguns officiais, mandando-os vir de Londres ou de outras partes, e fazendo assentar este trato nos lugares que parecem mais convenientes, como em Estremós, Borba, Portalegre, Covilhã; e com isto se daria princípio a um trato de grandíssimo proveito, assim para as rendas reais (porque com estes direitos cresceriam muito) como para o bem comum (porque teria o reino baetas muito mais baratas, e em maior abundância), e para a sustentação do povo, porque muita parte dele se manteria com esta occupação...

Estas e outras mecânicas se poderão obrar com grande utilidade do bem público, assim para as rendas reais como para a multiplicação e sustentação do povo. E não há que reparar em parecer que será isto cousa difficiliosa ou muito custosa, senão ordinária e fácil, pois o grande trato das sedas de Sicília teve princípio em el-rei Rogério trazer de Corinto e Atenas, quando as entrou, alguns officiais de seda para Sicília, e estes bastaram para fazerem naquela ilha um trato de seda que a tem tanto enriquecido. Da mesma Sicília mandou vir o nosso infante D. Henrique os mestres para ensinarem a plantar e beneficiar o açúcar na ilha da Madeira; este princípio bastou para fazer aquella ilha a mais rica do mar Oceano e para dela saírem depois os mestres que introduziram este trato na ilha de S. Tomé e em todo o Brasil, que se não sustenta de outra cousa, e é o maior rendimento que agora tem a corôa de Portugal. Pelo que, pois temos já em casa o exemplo e

(1) Refere-se Severim de Faria, nesta frase, ao facto de termos estado então sob o dominio castelhano.

experiência, não nos pode parecer este arbítrio novo ou de pequeno efeito.

Poucos anos há que um oleiro, que veio de Talaveira a Lisboa, vendo a bondade do barro da terra, começou a lavar louça vidrada branca; não só como a de Talaveira, mas como a da China, — porque na formosura e perfeição podem competir as porcelanas de Lisboa com as do Oriente; e imitando-o outros oficiais, cresceu a mercancia de maneira que não somente está o reino cheio desta louça, mas vai muita de carregação para fóra da barra. Do mesmo modo, quasi por este tempo começaram pelo distrito de Coimbra a fazer searas de milho grosso de maçaroca, que vem de Guiné; e aos primeiros seguiram outros em tanto numero que é hoje o mantimento mais ordinário para a gente vulgar quasi em toda a Beira e entre Douro e Minho, de que se seguiu grande beneficio a estas provincias, porque, como as searas são de regadio, nunca faltam; e fundindo muito, vem a ser o alimento muito barato, com que o povo fica de todo abastado.

Pelo que, se estas mercadorias se introduziram em nosso tempo só pela indústria dos particulares, — com quanto maior facilidade e felicidade se puderam introduzir as outras, que apontamos, pelo poder e autoridade dos príncipes?

Do remédio da terceira causa da falta de gente com se fazerem novas colónias no reino

Notam os políticos que os Romanos antigos, assim para cultivarem toda a Itália como para conseguirem a multiplicação da gente (que sempre pretenderam) usaram muito deste remédio das colónias; porque só de Alba Júlia saíram trinta, e de Roma se tiraram quasi infinitas, com o que o povo romano se foi multiplicando em grande maneira: porque, assim como as abelhas crescem com se lhe tirarem das colmeias os novos enxames cada ano, da mesma maneira acontece tirando-se dum povo grande uma colónia, porque dá occasião para crescer muita mais gente do que crescera se se não tirara: porque muitas daquelas pessoas, por não terem terras nem comodidade para viver, se não casariam, e assim se perderia toda a geração delas, o que não acontece quando se tira a colónia; porque então o rei ou o senhor que a colónia funda lhe concede na terra para onde a manda habitar campos e herdades de que se possa sustentar.

Deste remédio das colónias se tem também usado neste reino de seu principio, porque desde o conde D. Henrique até el-rei D. Dinis não somente os reis fundaram muitas vilas mas também o prelado, câmaras e fidalgos particulares, repartindo as herdades que tinham aos moradores que queriam ir para elas, dando a cada um terras para cultivar, com a pensão dos quartos ou oitavos, na forma que se concertavam. De modo que muita parte do reino se povoou por este meio, e principalmente Alemtejo, que, ainda que por ser a última provincia de Portugal que se conquistou, ficou menos povoada, comtudo quasi todos os lugares que nela há foram fundados pelo bispo e cabido de Evora, e pelos mestres de Avis e Santiago, e outros fidalgos.

Pelo que, pois por este meio das colónias teve a povoação do reino principio, não se lhe pode buscar outro mais próprio nem mais fácil para se povoar, — principalmente Alemtejo, que, com ser quasi tanta terra como o restante de Portugal, está quasi deserta e com muito poucas vilas e lugares. A razão é por estar todo Alemtejo dividido em herdades, das quais os lavradores não são senhores mas somente arrendadores; e ainda que muitos homens desejem fazer casas novas nas mesmas herdades, não lhe podem os lavradores para isso dar licença, mas antes, quando os senhorios o querem, elles o não consentem, pelo dano que temem que os tais moradores lhes hão-de fazer nas suas searas; e nem uma árvore de fruto ou parreira ousam plantar na terra, porque logo o vizinho lança sobre elle no novo arrendamento, para ficar melhor acomodado. Donde vem estar agora esta provincia tão despovoada, sendo assim que em tempo dos Romanos tinha mais lugares que as outras da Lusitânia. Pelo que, para a povoarem não será necessário haver força, porque, se derem aos homens terras e algum modo de cómodo para o principio, de sua vontade haverá muitos que folguem de se vir viver a estes novos lugares.

Duas objecções se podem apontar contra este meio: a primeira é ser a terra de Alemtejo de charneca areenta e estéril; a segunda, que é falta de águas, sem as quais não pode haver povoação. Porém, ambas estas difficuldades tem fácil resposta.

A primeira se responde negando ser todo Alemtejo de terra infrutífera e de charneca, porque a maior parte desta provincia é de terra muito fértil e abundante; e a parte que tem de charneca não é toda de ruim terra, antes parte dela

é terra boa. Além disto, como temos provado, nenhuma terra se pode chamar infrutífera: pois que a que não é boa para trigo é boa para cevada, centeio ou vinhas; e quando não, para pastos, que vem a ser de não menos importância que as searas... Pelo que, nos postos onde a terra não fôr boa, senão de charneca, pode servir do que dizemos, ou assim mesmo de excelentes colmeares, como se vê na serra de Serpa, na de Portel, e no termo de Palmela. Por onde o mesmo fôra em toda a parte como tem sido nêstes sítios; e não é menos rendosa a novidade da cêra que qualquer outra mercancia, pois a imos buscar ao Cabo Verde e à Berberia. Exemplo do que temos dito seja o que vemos nas Vendas Novas, onde a charneca é de areia mais solta e que parecia mais infrutífera: e comtudo naquele sítio se tem plantado vinhas, pomares e hortas muito boas.

E quanto à segunda objecção que se diz de Alemtejo — que não tem fontes — não faz ao caso: porque se podem abrir muitos bons poços, e não é novo beberem deles cidades e povoações muito nobres...

Á outra dificuldade que se podia apontar: do cabedal que era necessário da Fazenda Rial para se começarem estas vilas e se introduzirem estas colónias, — se responde que não é necessário que Sua Majestade faça nesta matéria gasto algum, mas que somente conceda aos que hoje as fundarem os privilégios com que antigamente se fundaram as outras pelas comunidades ou fidalgos particulares que foi o título do senhorio delas, porque com isso se farão...

É esta matéria tão fácil que não está mais o pôr-se por obra que em se dar esta licença: porquanto não falta gente que deseje ter terras para cultivar, e pela utilidade que disto se segue aos sanhórios das terras ser tão notória que não lhes fica sendo gasto, senão benefício grande de sua fazenda. Exemplo seja a povoação da Casa Branca, que o conde de Sabugal D. Duarte de Castelo Branco fez numa herdade sua que tinha junto a Avis, a qual dividiu em courelas, e dando-a a vários foreiros com obrigação de certo fôro e os quartos, veio a fazer uma povoação de alguns cem vizinhos, que lhe rendem hoje o dobro que a herdade lhe rendia.

O conde Estevão de Faro pediu licença para fundar uma vila, para dela tomar o título, em umas herdades que tinha junto a Alvito; mandou fazer esta divisão, e, edificando a cada morador a sua casa, e dando-lhe certas courelas de terra, fez uma nova vila que intitulou Faro do Alemtejo, de que tomou o título, sem per-

der nada de sua fazenda, antes acrescentando muito nela.

Em todo Alemtejo é tão grande o número de homens que desejam aforar título para uma casa, que na freguesia da Caridade, termo de Monsarás, tem o cabido de Evora uma aldeia de muitos moradores numa herdade sua dêste nome; e cada um dêstes moradores aforou ao cabido somente o sítio para fazer a casa, dando cada ano de foro um cruzado por êle. E porque o lavrador da herdade se queixava que êstes vizinhos lhe podiam fazer dano ao seu gado e searas, lhe puseram clausulas no aforamento que queixando-se o lavrador do tal foreiro lhe derrubariam as casas sem por isso lhe tomarem nada. E é tal a necessidade que os homens teem de acharem um lugar próprio em que viver, que com estas obrigações tão pesadas aceitam os foros e veem outros cada dia os pedir. O mesmo acontece na aldeia de S. Manços e na de Santiago de Escoural; e é tão grande a necessidade em que está a gente do campo de Alemtejo de casas em que se recolham, que não ha lavrador que não meta na sua herdade alguns dêstes seareiros, partindo as próprias casas com êles.

Pelo que, se com tão grandes encargos aceita a gente do campo fazer uma casa à sua custa — quantos haverá que aceitem a comodidade de quem lhas quizer dar e juntamente acrescentando-lhes terras para as poderem cultivar?

Por onde podemos ter por certo que, em se dando êste privilégio, a maior parte das grandes herdades que hoje ha em Alemtejo, e quasi estão feitas em desertos, se verão povoadas e cultivadas de todo o género de plantas e feitas uns jardins.

De maneira que com êste beneficio não somente crescerá a multidão do povo, mas a abundância do trigo, de que êste reino carece, não por defeito natural, mas pela cobiça de alguns que procuram ter e acrescentar a grandeza das suas herdades, as quais, quanto maiores são, tanto menos se cultivam, assim porque não há lavradores tão possantes que tenham cabedal para tão grandes lavouras, como porque quanto maior é a herdade, em tantas mais folhas se reparte; e tendo uma herdade muitas folhas, não se semeia mais que uma, e as outras ficam sem dar fruto e são causa de faltar o trigo no reino.

Disto se queixava Plínio em seu tempo dizendo: *latifundia perdidere Italiam*, — que a grandeza das herdades tinha feito a Itália esté-

ril; e que havia passado esta cobiça tanto ávan-
te, que até África, que era a mãe da abundân-
cia, nscessitava de trigo; porque seis senhorios
possuiam a metade daquela província em tempo
de Nero: *Jam vero, & Províncias sex Domini
semissem Africæ possidebant, cum interfecit eos
Nero*. Esta era a mágica com que Furio Cres-
sino dizia que havia maiores novidades na sua
herdade, por ser pequena e bem cultivada, que
seus vizinhos nas muito maiores, como nêste
lugar refere o mesmo autor. E por esta causa
se fez aquella lei agrária: que não fôsse maior
nenhuma herdade que o que se pudesse lavrâr
com dois bois cada ano, como afirma Apiano
Alexandrino. Todos êstes exemplos provam

mais nosso intento: pois, mandando el-rei
D. Fernando computar as terras de sementeira
que havia nêste reino, se achou que se todas se
cultivassem haveria pão de sobejo para toda a
gente, e não seria necessário trazê-lo de fóra,
pelo que fez leis em que mandou que nenhuma
herdade ou terra ficasse devoluta. Porém esta
pragmática até agora se não pôde executar
como convinha; mas fazendo-se estas novas
povoações, de força se conseguirá esta cultiva-
ção, lavrando cada um a sua terra, de maneira
que lhe façam dar, não sòmente um, mas mui-
tos frutos, como vemos nas mais das terras que
estão junto às vilas e lugares em todas as co-
marcas do reino.